

Dr. Jeffrey Hudon, Arqueologia Bíblica, Sessão 25, Arqueologia e os Manuscritos do Mar Morto, Parte 3

© 2024 Jeffrey Hudon e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Jeffrey Hudon em seu ensino sobre Arqueologia Bíblica. Esta é a sessão 25, Arqueologia e os Manuscritos do Mar Morto, Parte 3.

Ok, depois que os pergaminhos foram encontrados e o general jordaniano descobriu a caverna, houve a necessidade de reunir uma equipe de especialistas, uma equipe de especialistas linguísticos e estudiosos bíblicos. , para editar e estudar esses pergaminhos.

E assim, Roland De Vaux, que estava realmente escavando o local, recrutou um grande grupo de estudiosos, na verdade não tão grande inicialmente, para publicar o que eram milhares de fragmentos de pergaminhos continuamente comprados dos beduínos. Mais uma vez, os beduínos sempre venceram os estudiosos e arqueólogos nessas cavernas, com poucas exceções, uma exceção em particular. Assim, inicialmente, sete estudiosos foram trazidos para Jerusalém, e eles começaram esta enorme tarefa, que levou muitas décadas, em última análise, de juntar as peças dos fragmentos e descobrir onde estão as porções que faltavam, e identificar, às vezes, fragmentos de texto muito, muito pequenos. , de onde vem esse fragmento, seja de um texto bíblico, de um texto sectário ou talvez até de um comentário.

Então, esses estudiosos vinham a Jerusalém, geralmente durante o verão. Às vezes, eles visitavam a escavação, mas geralmente ficavam trabalhando nos pergaminhos do Museu Rockefeller, em Jerusalém Oriental. E isto continuou através do financiamento de John D. Rockefeller e outros patrocinadores até 1960.

É importante ressaltar que isso aconteceu novamente na Jerusalém jordaniana. A Cisjordânia estava sob controle jordaniano, pelo que nenhum acadêmico israelita ou judeu foi convidado devido à pressão dos jordanianos.

Ok, então vamos dar uma olhada em algumas das personalidades envolvidas nisso. A primeira pessoa é Roland Deveau, um padre dominicano francês, arqueólogo e historiador bíblico. Ele foi diretor da École Biblique e um estudioso altamente respeitado, um autor muito prolífico.

Ele escreveu muitos livros, muitos deles traduzidos para o inglês. Infelizmente, algumas de suas escavações permaneceram inéditas após sua morte. Suas escavações em Qumran são uma delas.

Lenta mas seguramente, os relatórios finais estão a sair, e os estudos que cercam o seu trabalho em Qumran e novamente, dolorosamente lentos, mas estão a aparecer. Suas interpretações de Qumran, creio eu, foram sólidas e cuidadosamente consideradas, mas foram muito atacadas por muitos estudiosos porque pensaram que ele estava interpretando o local com base em sua própria compreensão da vida monástica. Ele o identificou mais como um mosteiro.

É claro que seus críticos viram isso como se ele estivesse confiando em sua própria formação católica romana. Mas, essencialmente, o que estes fanáticos e seitas judeus faziam era muito semelhante ao movimento monástico posterior no cristianismo. Uma tarefa difícil que ele teve com Lancaster Harding — aqui está uma foto de Deveaux e Lancaster Harding lá em Qumran — foi comprar fragmentos dos beduínos.

Tiveram de angariar fundos porque os preços destes fragmentos eram, novamente, muito mais elevados do que as compras originais. Finalmente, chegaram a acordo sobre um preço com Kondo, o intermediário, o intermediário palestino, de 2,80 dólares por centímetro quadrado por um texto do Manuscrito do Mar Morto. Eles imploraram, pediram emprestado e juntaram o dinheiro, por qualquer meio necessário, para comprar cada fragmento do pergaminho.

Esse foi o primeiro e mais importante esforço deles. O primeiro estudioso a ser solicitado ou convidado para ajudar com os Manuscritos do Mar Morto foi um jovem estudioso chamado Frank Moore Cross. Ele era um Ph.D. recente. estudante na Johns Hopkins, onde estudou com Albright.

Ele era um estudioso brilhante e, novamente, mais tarde em sua carreira, tornou-se uma espécie de sucessor de Albright como decano dos estudos bíblicos americanos. Ele também trabalhou em uma cópia inicial do livro de Samuel e em um trabalho muito, muito importante que ele estava editando. E mais tarde teremos um slide que fala sobre um dos textos que ele trabalhou.

Mas uma das coisas que ele descobriu, e mostrou a Albright, e Albright concordou, foi que às vezes os primeiros textos bíblicos têm passagens ou palavras que parecem seguir mais de perto a Septuaginta do que o texto massorético. E isso foi considerado uma espécie de heresia naquela época. O texto massorético era o texto canônico oficial do Antigo Testamento.

Mas ele mostrou, especialmente com esta passagem, que as primeiras cópias da Septuaginta podem na verdade preservar um texto anterior por trás do texto massorético. Ele escreveu um excelente livro chamado A Antiga Biblioteca de Qumran, que acredito ainda estar sendo publicado. O que Cross mais contribuiu foi sua capacidade de datar textos por sua escrita e paleografia.

E ele realmente riu uma vez quando disse que a datação por Carbono 14, que surgiu ao mesmo tempo para datar o papiro e o couro desses textos, foi confirmada pela datação do texto pelo formato das letras. Outro estudioso brilhante foi um padre polonês chamado Józef Milik. E ele recebeu a maioria dos textos sectários para editar.

Ele disse que foi chamado por um homem mais rápido com um fragmento. Ele foi muito prolífico em sua escrita, mas isso diminuiu tremendamente na década de 1970.

Ele deixou o sacerdócio, casou-se e, essencialmente, ou eventualmente, deu seu texto de que foi designado para outros. Quero destacar aqui esta foto dele trabalhando em algum texto dos Pergaminhos do Mar Morto enquanto fumava um cigarro logo acima de seu trabalho. Portanto, o trabalho inicial com o texto foi muito desleixado e muito descuidado quanto à sua conservação e preservação.

Claro, isso nunca seria feito agora. Mas naquela época as coisas eram muito mais soltas e abertas . E eles até usaram fita adesiva para colar os fragmentos.

Isso seria impensável agora. Os anos subsequentes viram muito trabalho, trabalho de restauração, para limpar os resíduos de fita desses textos de 2.000 anos. Outro estudioso, um jovem linguista britânico, John Strugnell , era um presbiteriano Light Cross.

Mais tarde, ele se converteu ao catolicismo. Mas ele era brilhante, mas como você pode ver, bastante errático. Não publicou muito.

Ele era muito crítico em relação ao trabalho dos outros. Ele acabou se tornando o editor do The Scroll Project, mas teve problemas com o alcoolismo. Ele foi entrevistado por um jornalista israelense enquanto estava sob influência e chamou o judaísmo de uma religião horrível. E, claro, isso trouxe sua queda, não só da equipe, mas também da Universidade de Harvard, onde lecionava.

Seus defensores apontam que Strugnell trouxe estudiosos judeus e israelenses para a equipe dos Manuscritos do Mar Morto, embora eles não estivessem envolvidos antes. E ele sempre foi prestativo e agradável com os colegas judeus. Então, novamente, ele era alcoólatra e também sofria do que afirmava ser depressão maníaca.

Então, infelizmente ele teve um final triste, meio triste. Mas ele publicou uma carta importante com Eliseu Qumran que supostamente foi escrita pelo líder da comunidade de Qumran. E também houve muita controvérsia em torno disso.

Patrick Skehan morreu cedo. Você pode vê-lo no centro da foto ali em cima com a barba. E ele era um estudioso católico.

E ele estava, novamente, a política entrou um pouco. Mas aos 45 anos ele era um estudioso católico. E ele era um estudioso católico.

E ele era um estudioso católico.

E ele era um estudioso católico e era velho.

Ele era o estudioso mais velho do grupo, que ainda é bastante jovem, na minha opinião, e trabalhava principalmente com pergaminhos bíblicos. Seu aluno, Eugene Ullrich, que se aposentou recentemente da Notre Dame, assumiu suas funções de publicação quando ele morreu em 1980.

Jean P. Starkie era um estudioso dominicano francês. Ele era um monge e erudito e um especialista na escrita aramaica e nabateia. ele lecionava em Beirute quando foi convidado a integrar a equipe, e seus textos, que não completou, foram completados por outros quando faleceu.

O estudioso mais polêmico convidado foi um jovem estudioso chamado John Allegro. Ele era um protestante britânico que se tornou ateu ou agnóstico nessa época e lecionou na Universidade de Manchester.

Ele era uma pessoa que Frank More Cross chamou de uma das poucas pessoas amorais que conheci na vida. Ele pegava material de outros estudiosos, pegava pergaminhos, emprestava-os e depois os publicava sem qualquer tipo de permissão. Ele escreveu vários livros tentando simplesmente sensacionalizar os pergaminhos e seus trabalhos posteriores eram simplesmente ilegíveis.

Eles eram tão ridículos, como o Cogumelo Sagrado e a Cruz, e não vou descrever suas conclusões nesse livro, e ele morreu em desgraça em 1988. Infelizmente, recentemente, ele tem sido considerado uma espécie de herói por estudiosos liberais e, ironicamente, algumas de suas piores obras foram republicadas. Agora, os estudiosos que trabalharam nos Manuscritos do Mar Morto trabalharam no Museu Rockefeller.

Este é um museu que foi inaugurado em 1938 em Jerusalém Oriental e este é um pergaminho ou sala onde eles juntaram o texto. Aqui você tem Patrick Skehan e John Allegro trabalhando neles e deve ter sido um momento agradável ser um dos estudiosos trabalhando nos Manuscritos do Mar Morto e trabalhar com seus colegas e a alegria de descobrir um texto ou passagem ou identificar algo que não foi identificado antes. Certamente foi um dia inebriante.

Esta é uma foto do próprio G. Lancaster Harding trabalhando em alguns pergaminhos e novamente fumando aquele cigarro logo acima de trechos de texto de dois mil anos . Então, quais eram essas pessoas que tinham essa comunidade? Mais uma vez, a maioria dos estudiosos acredita, obviamente alguns não, que há todo tipo de interpretações selvagens sobre os Manuscritos do Mar Morto e Qumran, mas a maioria dos estudiosos acredita que eles eram algum tipo de seita próxima ou identificada com os essênios. Eles se autodenominavam HaYahad , a comunidade, e esta é uma interessante representação artística do professor da retidão conversando com os seguidores em Qumran.

Os hassidim ou piedosos foram um movimento que começou por volta de 160 a.C. as réguas. E , claro, as três filosofias ou ramos do Judaísmo que Flávio Josefo, um historiador judeu, nos contou foram os saduceus, os essênios e os zelotes. E, claro, ele descreveu os essênios como judeus extremamente piedosos que viviam vidas simples como separatistas em comunidades.

Agora eles foram expulsos ou deixaram Jerusalém durante esse tempo e então fundaram essas comunidades isoladas simplesmente para esperar, estudar, viver vidas justas, vidas piedosas e esperar pelo Messias. Parte de sua literatura sectária tinha a ideia de uma guerra que aconteceria entre os Filhos da Luz e os Filhos das Trevas, e esse foi um dos primeiros pergaminhos encontrados nas cavernas de Qumran. Então, os hassidim, os fariseus, os saduceus e os essênios, tudo bem.

Os essênios separaram-se fisicamente dos outros judeus para alcançar a perfeição moral e a pureza ritual e evitar a poluição e o lado perverso da sociedade da época. A vida no deserto e novamente olhando para o movimento monástico cristão, você pode ver os paralelos aqui. Rigorosa simplicidade e disciplina enquanto esperam pelo seu novo nascimento ou ressurreição como um novo Israel, a nova aliança, os últimos dias, um novo êxodo, uma nova conquista, preparam o caminho do Senhor.

É interessante descobrir que um dos primeiros sete pergaminhos encontrados era uma cópia lindamente preservada de Isaías, e quando você vai para Isaías 40 há um espaço marcado que eles deixam no texto quando as palavras lá dizem, Kol Korei Ba Midbar , Panu Derek Adonai, uma voz clamando no deserto, deserto Midbar , novamente eles viveram no deserto de Judá, Panu endireitar, abrir, novamente forma imperativa, abrir um caminho para o Senhor. Assim, os essênios viviam na crença de que eram apocalípticos sacerdotais , e não verdadeiros ascetas. Eles eram ambos, mas eles realmente viam o fim do mundo chegando e chegando em breve se pudessem viver uma vida justa o suficiente. Eles viveram em toda a Judéia, não apenas em Qumran, novamente em comunidades e aldeias isoladas.

Josefo os numerou em cerca de 4.000 indivíduos, acampamentos e congregações foram usados para esses grupos que pontilhavam a paisagem da Judéia. Qumran pode ter sido o assentamento materno do grupo, e os seguidores individuais

poderiam ter vivido em cavernas e celas e depois se unido ou reunido para certas cerimônias e reuniões. Os essênios praticavam a vida comunitária com alojamentos, refeições, roupas e tesouros comuns compartilhados, bem como a pobreza autodenominada.

Então, novamente, como mencionei, eles poderiam ter vivido em células individuais, reunindo-se para determinados propósitos, enquanto outros poderiam ter vivido mais juntos de uma forma normal. As refeições comunitárias eram especialmente sagradas, os banhos rituais eram realizados e, novamente, há dez mikvehs em Qumran mostrando isso. Vidas tão interessantes e fascinantes e, novamente, uma das perguntas que muitas pessoas têm é por que elas não foram mencionadas nos Evangelhos. Houve interesse em Jesus por parte dessas pessoas desses grupos? E a resposta provavelmente é sim.

João Batista certamente poderia estar associado a um grupo e muito provavelmente o estava de alguma forma, mas eles estavam procurando um resultado diferente. Eles procuravam um final apocalíptico diferente e um rabino de Nazaré pregando o amor e novamente se permitindo morrer na cruz não era o que procuravam. Então, acho que a maioria deles simplesmente não pensou e não viu Jesus como ele era, infelizmente.

Suas referências enigmáticas na literatura sectária de um sacerdote perverso poderiam ser um codinome em vez do nome de João Hircano ou Alexandre Janais, os dois reis hasmoneus no início do século I aC. O livro de regras da comunidade chamava-se Regra da Comunidade, Serek Ha Yahad , e o documento de Damasco, e ambos dão algumas dicas sobre este grupo fervorosamente religioso, mas ainda assim, é um tanto enigmático. Tudo bem.

É interessante ressaltar que Josefo menciona um verdadeiro bairro essênio em Jerusalém, e aparentemente estava localizado na parte sudoeste da cidade no Monte Sião, ou moderno Monte Sião, e estava localizado perto de um portão chamado portão dos essênios, e o A razão para isso é um tanto cômica, porque se você já esteve em Jerusalém e andou pela cidade, entenderia que isso é que eles viram que Jerusalém é tão sagrada e tão sagrada que se recusariam a defecar dentro da cidade, então tiveram que correrem para fora da cidade para fazer suas necessidades naturais para satisfazer suas necessidades naturais para que não poluíssem a cidade e então o portão dos essênios tinha que estar próximo e como um dos meus professores, professores israelenses, disse que você veria esses piedosos essênios segurando seus bottoms saíam da cidade de vez em quando para ir para um lugar chamado Beit Sol e esse seria o lugar deles para fazerem suas necessidades fora da cidade. Escavações na década de 1980 no Monte Sião revelaram três portais sobrepostos que a escavadeira Bargil Pixner , que é este cavalheiro aqui identificado como o local do portão dos essênios e que foi publicado tanto em periódicos quanto em um dos livros revelados de Jerusalém que descrevem as várias escavações ao

redor da cidade, então novamente Jerusalém durante o período do Novo Testamento novamente abrangia o Monte Sião e a Colina Ocidental, como nos séculos posteriores da Jerusalém do Antigo Testamento, e este portão dos Essênios ficavam logo acima do Vale de Hinom e provavelmente era aqui que os Essênios viviam como uma comunidade. É importante notar, também, que nesta vizinhança foram descobertos vários mikveot , que parecem concordar com os essênios que usavam aquela área.

Outra foto da reconstrução artística do portão dos Essênios e Beit Sol ou do local para usar o banheiro e como era o portão dos Essênios. Ok, com isso deixamos, isso nos deixa no final de nossa discussão sobre os Manuscritos do Mar Morto e a arqueologia e nossa apresentação arqueológica. Muito obrigado.

Este é o Dr. Jeffrey Hudon em seu ensino sobre Arqueologia Bíblica. Esta é a sessão 25, Arqueologia e os Manuscritos do Mar Morto, Parte 3.